

COMO UM ÓRGÃO DO APARATO REPRESSIVO INVESTIGA UM AGRUPAMENTO AUTORITÁRIO



Maria Aparecida de Aquino

Mestre e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutora pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação de História Social da USP. Foi coordenadora do Projeto “Mapeamento e Sistematização do Acervo DEOPS-SP: Série Dossiês (1940-1983)”. É membro do GT História das Direitas.

Renato Alencar Dotta foi meu aluno na Graduação quando eu ministrava o Curso de História Contemporânea no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (DH/FFLCH/USP).

Quando me procurou para a Orientação de seu Mestrado (*O Integralismo e os trabalhadores. As relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através do jornal Ação, 1936-1938*, defendido em 2003) tive um pouco de receio, pois, seria meu único orientando a trabalhar com uma temática dos anos de 1930, já que minha especialidade são os estudos sobre a relação entre a Imprensa e o Estado durante o regime militar brasileiro (1964-1985).

Entretanto, o que me tranquilizou foi a sua opção por analisar a imprensa do período e, mais do que isso, com seu estudo sobre o Integralismo, dedicar-se a desvendar um agrupamento autoritário. O Autoritarismo e suas nuances são minha pedra de toque nas pesquisas sobre o regime militar.

O trabalho que ora tenho a honra de prefaciar (*Elementos verdes: os integralistas brasileiros na mira do DOPS-SP (1938-1981)*) é o seu estudo de mais fôlego em que se mantém na temática do Integralismo brasileiro, mas o analisa sob a ótica de um órgão do aparato repressivo, presente na vida brasileira durante muitas décadas. Refiro-me ao DOPS-SP (Departamento de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo), criado em 1924, encarregado da vigilância aos cidadãos considerados “suspeitos” de atividades vistas, na sua ótica, como “subversivas”.

Outra novidade de seu estudo é sua temporalidade: trabalha com o período de 1938 a 1981. Portanto, não permanece nas marcas temporais mais comuns das pesquisas sobre o Integralismo: a década de 1930 quando atua a Ação Integralista Brasileira (AIB). Dotta acompanha os integralistas durante todas as fases em que foram “vigiados” pelo DOPS-SP, quase até o término das atividades do órgão repressivo, em 1983.

Uma das qualidades do professor Renato, dentre tantas outras, é a sua capacidade de lidar com grandes acervos documentais, o que é o caso do DOPS-SP. Sua massa documental é gigantesca e ele soube “navegar” com galhardia por esse enorme acervo.

Outra sua característica fundamental é seu potencial de questionamentos sobre a pesquisa que desenvolve. Foi, sem dúvida, até o momento, o orientando com quem mais discuti o trabalho, procurando sanar suas questões, sempre pertinentes.

É digna de destaque sua opção teórica para embasar sua pesquisa e considerações decorrentes. Trabalha com Foucault, no fantástico *Vigiar e Punir*, bem como em *A Ordem do Discurso*; com a magnífica Hannah Arendt, em seu *Origens do Totalitarismo* e utiliza um conceito muito importante, o da *lógica da suspeição*, cunhado pelos pesquisadores do Rio de Janeiro ao analisar o material correspondente ao nosso DOPS na sua região.

Ao acompanhar a trajetória de vigilância do DOPS-SP sobre o agrupamento integralista, ao longo de décadas, passa por fases de vigência autoritária da República brasileira, como o regime militar em que os militantes integralistas aderem ao “partido” de sustentáculo dos governos militares, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Antes, após o término do Estado Novo (1937-1945), haviam criado o Partido de Representação Popular (PRP) que atuou ao longo de 20 (vinte) anos, só se encerrando com o golpe e o estabelecimento do regime militar brasileiro. Em 1975, com a morte de sua maior liderança, Plínio Salgado, há um declínio do agrupamento autoritário.

Importante notar que ao observar o olhar do DOPS-SP nessa longa jornada (1938-1981) fica claro o que nós, pesquisadores desse órgão repressivo, percebemos, no início, com certo estranhamento. Embora o DOPS-SP seja um órgão de vigilância sobre aqueles considerados “suspeitos”, seus tentáculos

ultrapassam os “suspeitos de sempre”¹, como comunistas e anarquistas e atingem setores politicamente reacionários como os integralistas. Isso nos dá uma compreensão do entendimento da suspeição na República brasileira: “todos contra todos”. Não há passaporte que garanta a liberdade em relação à vigilância: cedo ou tarde todos são alvos. É uma característica fundamental da dimensão do autoritarismo vivenciado pelo país.

A contribuição do trabalho de Dotta é primordial, pois nos ajuda a escrutinar, um pouco mais, a República brasileira, tão cheia de percalços e, sobretudo, tão permeada de momentos autoritários em meio a fases de expressão democrática: assim foi entre 1946 e 1964 e nos trinta anos subsequentes ao término do regime militar em 1985.

É preciso que se entenda: o retorno constante ao Autoritarismo durante a República brasileira se dá por intermédio da interrupção do processo democrático através de um Golpe de Estado, situação vivenciada em 1964, mas também por via democrática, com eleições diretas, como vivenciamos com a chegada de um governo antidemocrático em 2018. Entretanto, mesmo nesse autoritarismo por via democrática, é preciso que lembremos do antecedente do golpe velado nas instituições democráticas com o impeachment de Dilma Rousseff.

Em nosso ofício de historiadores, ao buscar compreender e explicar o transcórre do processo histórico, talvez uma das maiores dificuldades esteja em entender e, eventualmente, aceitar porque a população, ao votar, escolhe um candidato, em 2018, que, ao fim e ao cabo, tem o DNA antidemocrático e que

¹ Referência ao filme *Casablanca* (Michael Curtiz, 1942), em que o policial Louis Renault (Claude Rains) diz a Rick Blaine (Humphrey Bogart), o proprietário de uma casa noturna e grande amor de Ilsa Lund (Ingrid Bergman), ora casada com o revolucionário Victor Laszlo (Paul Henreid), quando o casal parte, indagado por seus auxiliares sobre o que fazer, responde “prenda os suspeitos de sempre”.

governaria destruindo todas as conquistas sociais alcançadas para a melhoria das condições de vida da população brasileira.

Talvez esse seja o nosso maior enigma na busca do entendimento do percurso histórico republicano da sociedade brasileira. Não há respostas para esse enigma. Podemos, no máximo, fazer especulações. Porém, teses como a de Renato Alencar Dotta nos auxiliam a buscar esclarecimentos a questões fundamentais como essa.